

UMA CULTURA ESTUDANDO CULTURA A ETNOGRAFIA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA

Níve Magdiel Peter Bovo*

Resumo: A etnografia é uma metodologia emprestada da Antropologia Cultural que tem ajudado pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento a entender outras culturas. Dando voz aos habitantes do local da pesquisa ela busca compreender, através da visão de mundo deles e de suas experiências. como é, de fato, a cultura do local, bem como os significados sociais.

Palavras-chave: etnografia, cultura

A etnografia, procura fazer o estudo de uma cultura ou modo de vida a partir da visão de seus participantes. Dessa forma, busca aprender e compreender os “mundos” de outras pessoas, entender como as outras pessoas vêem as suas experiências. Pondo de lado nosso etnocentrismo socialmente herdado e nosso background cultural. A perspectiva de outros seres humanos que vivem através de sistemas de significado diferentes pode ser o caminho para entender as diferenças culturais que nos tornam seres humanos.

Apesar de a etnografia estar ligada diretamente ao campo da antropologia a sua metodologia tem servido a outras áreas do saber. Através da fala e da observação dos fazeres das comunidades em estudo muito têm se avançado nas ciências sociais. Ir a campo é fundamental e indispensável, para que se possa testar e contestar as teorias existentes.

O trabalho de campo é o carimbo oficial da antropologia cultural. O antropólogo vai onde as pessoas vivem: seja em uma aldeia da Nova Guiné ou nas ruas de

* Professora da UCS e mestranda em Letras e Cultura Regional.

Nova Iorque, fazendo perguntas, comendo coisas estranhas, aprendendo um idioma novo, assistindo a cerimônias, tomando nota. É um trabalho para quem gosta de pessoas e que queira aprender como elas vêem, ouvem, falam, pensam, e agem de modos diferentes. A aprendizagem de pessoas é a essência da etnografia. Em vez de colecionar dados sobre pessoas, busca-se aprender das pessoas, ser ensinado por eles, consciente da ignorância completa dos complexos sistemas de significado cultural.

E para que se estude uma cultura, é preciso, primeiro, definir o que se entende por cultura. Harris (1968) define cultura como modos de comportamento associados a um grupo particular de pessoas, pontos de vista íntimos e interpretações do nativo (Malinowski 1922). Definir cultura, sob essa perspectiva, nos remete ao conhecimento adquirido que as pessoas usam para interpretar experiências e gerar comportamentos sociais, experiências compartilhadas. Quem trabalha com a etnografia não só observa comportamentos, questiona o significado desses comportamentos.

Este conceito de cultura como um sistema de símbolos significantes tem muito em comum com uma vertente das pesquisas sociológicas, o interacionismo simbólico, uma teoria que busca explicar o comportamento humano em termos de significado (Cooley, Mead, Thomas e Blumer, 1969) Tal teoria acredita que os seres humanos agem com base nos significados que as coisas têm para eles, significado este que surge fora, na interação social com os companheiros (Blumer 1969). Os significados são controlados e modificados no processo interpretativo feito pela pessoa que lida com as coisas.

Assim, em lugar de acreditar na existência de um rígido mapa cognitivo que as pessoas têm que aprender a ler para seguir com precisão, a cultura é vista como um jogo de princípios. As pessoas não são só leitoras de mapas, elas têm o controle do jogo de princípios para fabricação do mapa e da navegação. A cultura é aprendida e apreendida em todos lugares em que seja possível observar as pessoas ou escutá-las, e indo além, deduzindo. No princípio, cada conclusão cultural é só uma hipótese sobre o que as pessoas sabem. Essas hipóteses devem ser testadas inúmeras vezes até que se possa ficar

relativamente certo de que as pessoas compartilhem um sistema particular de significados culturais.

Grande parte de qualquer cultura consiste em conhecimentos tácitos, daí porque é necessário que o pesquisador faça inferências sobre o que as pessoas sabem, escutando o que elas dizem, cuidadosamente, observando o comportamento delas, e estudando os artefatos, a fala, os usos e costumes; e a seguir, faça generalizações formulando a declaração abstrata sem a ajuda direta do informante nativo.

Desse modo, pode-se dizer que etnografia consiste em um corpo de conhecimento que inclui técnicas de pesquisa, teoria e centenas de descrições culturais, buscando construir uma compreensão sistemática de culturas humanas, levando em conta que o conhecimento de todas as culturas é valioso. Talvez a característica mais notável dos seres humanos é a diversidade, e para entender essa diversidade nós temos que começar descrevendo-a cuidadosamente. A maior parte da diversidade das espécies humanas é resultante das culturas que cada grupo humano criou e passou de geração para geração. A descrição cultural, a tarefa central da etnografia, é o primeiro passo para entender as espécies humanas.

Há um mito sobre sociedades complexas - o mito do “melting pot”, isto é, do caldeirão. Os cientistas sociais, por exemplo, falavam sobre a cultura americana como se incluísse um conjunto de valores compartilhado por todo o mundo. Ficou crescentemente claro que nos EUA, como em qualquer outra parte, não há uma cultura homogênea; as pessoas vivem em sociedades complexas com muitos códigos culturais diferentes. Por isso se busca a existência de realidades alternativas, para descrevê-las em suas próprias condições.

As diferenças culturais são latentes. Nossas escolas têm seus próprios sistemas culturais. Os guardas e prisioneiros nas prisões, pacientes e médicos em hospitais, os religiosos das mais diversas religiões... , embora vivendo na mesma cidade, têm perspectivas culturais diferentes. Quando as pessoas se movem de uma cena cultural para outra, nas sociedades complexas, empregam diferentes culturas. A Etnografia oferece um

modo de entender essas características complexas da vida moderna e a forma como as pessoas com perspectivas diversas interagem.

Em vez de começar com problemas teóricos, o etnógrafo pode começar com necessidades expressadas pelos informantes, relacionando esses tópicos às preocupações das ciências sociais. Nessa perspectiva, as necessidades dos informantes têm peso igual ao interesse científico.

Para se desvelar todo esse “universo” sob a perspectiva do nativo é imprescindível se trabalhar com a língua. A língua é mais que um meio de comunicação sobre a realidade: é uma ferramenta para se construí-la. Idiomas diferentes criam e expressam realidades diferentes. Eles categorizam experiência de modos diferentes. Eles provêem padrões alternativos a modos habituais de pensar e perceber. Daí a importância desse elemento cultural no estudo da cultura.

Mesmo que os informantes pareçam usar um idioma idêntico ao falado pelo etnógrafo, é preciso reconhecer a existência de diferenças sutis, que requerem uma competência de tradução. Nós aprendemos a trocar de idioma o tempo todo. O modo como falamos no trabalho é diferente do de casa. Há pequenas diferenças no modo de falar dos homens e das mulheres... passamos o tempo todo fazendo “traduções”. Quando alguém que não conhece uma cena cultural particular e, por isso, nos faz uma pergunta, nós fazemos uso de nossa competência de tradução para lhes ajudar a entender. Daí porque, quando o pesquisador não aprende o idioma da cultura em estudo, mas, ao invés, depende de intérpretes, tem grande dificuldade de apreender como os nativos pensam, como eles percebem o mundo, e que suposições eles fazem sobre a experiência humana. A barreira para aprender o quadro de referência particular, a realidade cultural deles/delas, não foi afastada.

Na maioria das áreas urbanas e em muitas outras partes do mundo, as pessoas vivem em proximidade e, mesmo assim, ainda mantêm culturas um pouco diferentes. Em tais sociedades multi-culturais, essas subculturas ou grupos às vezes falam um idioma diferente. Alguns são bilíngües, outros usam um dialeto diferente do idioma

nacional somente.

Se, como diz Franz Boas (1943), é nossa séria pretensão entender o pensamento das pessoas a análise inteira da experiência deve ser fundada nos conceitos delas, não nos nossos. Na descrição etnográfica, representam-se os significados – codificados o mais próximo possível daquele idioma. Como uma tradução, as descrições deveriam fluir dos conceitos e significados nativos daquela cena, em lugar de conceitos desenvolvidos pelo pesquisador.

Como bem se pode notar, a etnografia pode ser uma excelente aliada para se investigar um lugar, uma região, uma cidade. Ela possibilita um olhar através do outro, do nativo. Muito ricas e elucidativas têm sido as conclusões que tal metodologia tem permitido aos pesquisadores chegar. Com mais de 40 anos de existência, muito ainda ela pode fazer pelos pesquisadores que interessam-se pelo estudo da cultura.

Referências Bibliográficas

BOAS, Franz *Recent anthropology* Science.

BLUMER, Herbert *Symbolic interactionism*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1969.

HARRIS, Marvin *The Rise of Anthropology Theory*, New York: Crowell, 1968.

SPRADLEY, James P. *The ethnographing Interview* New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.